

ÁFRICA À VISTA: POR OUTRA REDE DE REFORMULAÇÕES

João Lucas da Silva¹
Welton Diego Carmim Lavareda²

MESQUITA, Soraya Públio. **Mokambo - Nguzo Malunda Bantu (Força da Tradição Bantu)**. DPE Produções, 2022. 59min 22seg.

O documentário *Mokambo - Nguzo Malunda Bantu (Força da Tradição Bantu)* – disponível desde 2022 na plataforma de *streaming* Globoplay –, é dirigido pela jornalista e cineasta Soraya Públio Mesquita, a qual possui habilitação em rádio e televisão, com pós-graduação em Comunicação e Marketing em Mídias Digitais. Desde 1986, ela trabalha em emissoras de TV e produtoras de vídeo. O filme apresenta indiscutível valor no que se refere à exposição sobre as contribuições das cosmologias africanas, em especial as do grupo Bantu, para a formação social, linguística e cultural do Brasil. Tal produção audiovisual é relevante porque dispõe-se não apenas a potencializar nossas raízes histórico-africanas, mas também procura evidenciar os processos de apagamento e de invisibilização que sofreram as várias etnias pertencentes à área Bantu.

A fim de imprimir um olhar mais plural para o filme, buscando igualmente um posicionamento interdisciplinar entre os campos dos saberes, a produção conta com a participação e os depoimentos de historiadores, linguistas, antropólogos e outros pesquisadores e especialistas que demonstram a figura dos negros e negras escravizados como dinâmica fundamental para a construção das identidades brasileiras. Desse modo, com o objetivo de explicitar a influência dos povos Bantu nos vários âmbitos da sociedade, a obra fílmica está dividida em sete partes, a saber: *O ser, A luta, A luz, O sabor, A fala, A fé e A força*.

Na primeira parte do documentário, *O ser*, o músico Mateus Aleluia explica quais dos cinquenta e quatro países que formam o continente africano correspondem à região Bantu, área subsaariana situada ao longo da extensão sul da linha do equador: República do Congo, República Democrática do Congo, Angola e África do Sul. Tal informação revela a multiplicidade étnica e cultural do território, multiplicidade essa confirmada em seguida pela etnolinguista Yeda Pessoa de

¹ Discente no Curso de Pós-graduação em Língua Portuguesa: Redação e Oratória na Universidade da Amazônia (Unama). Graduado em Letras pela Unama. E-mail: joaolucasd800@gmail.com

² Doutor em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (Unama). Bacharel em Letras pela Unama. Professor Adjunto I do Instituto de Letras e Comunicação da UFPA. E-mail: weltonlavareda@ufpa.br

Castro, a qual expressa a presença de cerca de quinhentas línguas faladas no espaço habitado mencionado. Desse total, as principais línguas são o Kikongo, o Kimbundu e o Umbundo. A pesquisadora ainda destaca que a participação dos povos Bantu é significativa para a formação e solidificação do português falado no Brasil.

Peculiaridades já bastante significativas para movimentarmos um outro tipo de interpretação histórica, reatualizando um possível já dito em uma nova reformulação. Falamos aqui, de acordo com Jean-Jacques Courtine (1982), em ‘rede de formulações’ como conjuntos estratificados de gestos de leitura instituidores de um admissível novo discurso, de uma aceitável outra memória discursiva. Afinal, “[...] toda imagem se inscreve em uma cultura visual, e esta cultura supõe a existência junto ao indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens onde toda imagem tem um eco” (COURTINE, 2013, p. 43).

O público que assiste ao documentário, portanto, tem a possibilidade, desde os primeiros encadeamentos audiovisuais, de interpretar uma nova rede de imagens como sendo uma atualização de uma série de saberes inscrita na história dita “não-oficial” do nosso país.

No tópico *A Luta do documentário*, por exemplo, a discussão sobre as heranças que nos foram legadas pela comunidade Bantu é ampliada pela historiadora Vanda Machado e pelo Sacerdote do Terreiro Mokambo, Taata Anselmo. Ambos reforçam que a antiguidade dos grupos Bantu, foram os primeiros escravizados a aportarem no Brasil com o início do tráfico transatlântico, e a elevada quantidade populacional, superior à de portugueses e de outras populações europeias, são um acontecimento definidor e incontornável das inúmeras contribuições deixadas pelas cosmologias africanas na sociedade brasileira. A força desses povos colonizados e escravizados está, também, na inserção de traços e manifestações de suas culturas nativas nas crenças e práticas que lhes eram impostas pelo colonizador.

Com efeito, assistir ao documentário e refletir sobre sua pertinência é um exercício constante de análise sobre os inúmeros efeitos da colonização, sobre como as práticas coloniais afetaram (e afetam) nossas maneiras de enxergar e compreender a constituição da perspectiva de nação, de território. Constituição essa fundamentada no preconceito, no glotocentrismo (centralização e valorização de uma língua), na exclusão, na distribuição injusta de bens culturais.

Adiante, na terceira parte, *A luz*, a historiadora Patrícia Melo salienta a expressividade da tradição Bantu na vida brasileira. Reforça que nossas experiências e costumes foram construídos sobre esse amplo legado cultural africano. Embora este legado esteja profundamente entranhado e arraigado em nossas vivências, ele permanece desconhecido pela maioria da população. Isso se deve à empreitada colonial, que visou eliminar, segregar e extinguir os saberes e conhecimentos que divergiam dos preceitos e valores europeus historicamente construídos. Apesar desse projeto

reducionista e excludente, a matriz Bantu exibe-se de variadas formas, nas festas e comemorações populares, nas maneiras de se vestir, nas comidas, na existência do candomblé e, sobretudo, nos modos de agir linguisticamente do nosso cotidiano. Principalmente, se tomarmos como ponto de partida os traços africanos que fazem o Português Brasileiro (PB) ser uma língua africanizada rumo àquilo que atualmente está sendo evidenciado como ‘Pretoquês’.

[...] aquilo que chamamos de ‘pretoquês’ nada mais é do que a marca de africanização no português falado no Brasil (...). O caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, além da ausência de certas consoantes, como o **L** ou o **R**, por exemplo, apontam para um aspecto pouco explorado da influência negra na formação histórico cultural do continente como um todo (GONZALEZ, 1988 apud TOLENTINO, 2018, p. 117).

Na sequência fílmica constituidora da quarta parte, ao discorrer sobre *O Sabor*, destaca-se a tradição culinária das comunidades Bantu. Como eram responsáveis pelo plantio, cultivo e trabalho com a terra, cozinhavam e preparavam seus alimentos. Yeda de Castro dá exemplos dessas marcas expressivas muito atuantes nas cozinhas brasileiras: o maxixe, o jiló, a moranga, o dendê, todos frutos e plantas originários de Angola. As culturas gastronômicas também estão ligadas ao lado espiritual, vital, pois fortalecem e fortificam os corpos, dando energia e vigor a quem consome os alimentos. Além disso, os pratos são divididos e partilhados com todos, o que explicita o caráter agregador e colaborativo dessas comunidades e amplamente destacado no documentário.

Já na quinta parte, *A fala*, a etnolinguista Yeda de Castro aponta para a presença marcante das línguas africanas no Brasil, cujas mais faladas foram as da África Subsaariana, do Golfo do Benin e as de Angola e do Congo (ambas línguas do grupo Bantu). Se o português falado no Brasil tem características distintas do português de Portugal, isso se deve em grande parte à influência da matriz Bantu, especialmente dos idiomas Kikongo, Kimbundu e Umbundo, que contribuíram para moldar a especificidade da língua que usamos atualmente.

Uma característica fundamental do português brasileiro, que evidencia ainda mais essa fratura histórico-discursiva, é o vocalismo, ou seja, a pronúncia clara e audível das vogais. Como Castro destaca no material audiovisual, isso é um reflexo da estrutura das línguas do grupo Bantu. Nessas línguas, as palavras não apresentam encontros consonantais, a exemplo de “caçula”, “babá”, “moleque” e “quitute”. Características, inclusive, potencializadoras do movimento de preponderância africana nas dinâmicas de fala do português brasileiro.

Ao visibilizarmos, então, o documentário por uma outra rede de reformulações em consonância com gestos de leitura mais plurais, estamos devolvendo à discursividade sua espessura histórica, evidenciando, de igual modo, a perspectiva de cultura brasileira constituinte no tecido da memória de sociedades bem diversas.

Em se tratando das últimas unidades fílmicas de *Mokambo - Nguzo Malunda Bantu (Força da Tradição Bantu)*, intituladas – como já anunciado nas linhas introdutórias deste texto – *A fé e A força*, somos apresentados à religião como uma forma de compreensão sobre nossa origem e nossa atuação no mundo. Ela nos ajuda a nos ver como seres integrantes do meio ambiente, da natureza que nos cerca. O candomblé, segundo Taata Anselmo, significa “lugar de oração”, enquanto Castro o interpreta como um símbolo de resistência à escravidão, à intolerância e a toda e qualquer forma de opressão ou discriminação. É uma religião que, devido à sua origem e suas raízes africanas, deslocou-se e percorreu diversas reestruturações para continuar existindo e resistindo.

Nessa perspectiva, os terreiros figuram como importantes espaços de preservação das práticas e costumes dos povos negros e de seus descendentes. O Terreiro Mokambo, por exemplo, localizado em Salvador, é um dos mais importantes do Brasil e já foi premiado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como local de Visibilidade e Manutenção da Tradição Bantu.

As múltiplas marcas culturais, portanto, estão intrincadas em nossas ações habituais, em nossos modos de viver e subjetividades. A ênfase, entretanto, dada a essas inúmeras materialidades linguísticas, históricas e discursivas, comprovadoras da africanização de nossa sociedade, ainda está aquém do que se almeja. Por isso, ambicionamos, ininterruptamente, a construção cada vez maior de posturas críticas e científicas, de atitudes dignificadoras e enaltecidas das variadas etnias e raças que compõem o território brasileiro. Assim, pretendemos combater os mecanismos de apagamento e invisibilização que prejudicam o (re)conhecimento dos muitos ‘Brasis’ constituidores de nossas identidades.

REFERÊNCIAS

COURTINE, Jean-Jacques. Définition d’orientation théoriques et construction de procédures en analyse du discours. In: **Philosophiques**, v. 09, n 2, 1982.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo** – pensar com Foucault. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

TOLENTINO, Joana. Descolonização, filosofia e ensino: compartilhando vozes de filósofas latino-americanas. **Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul** v. 2 n. 1. Paraná-Brasil, 2018.

Enviado em: 14/06/2023

Aceito em: 18/09/2023